



MINHA PRIMEIRA PROFESSORA: BREVE HISTÓRIA DE VIDA E PROFISSÃO DE UMA PROFESSORA NEGRA

Antonio José de Souza¹

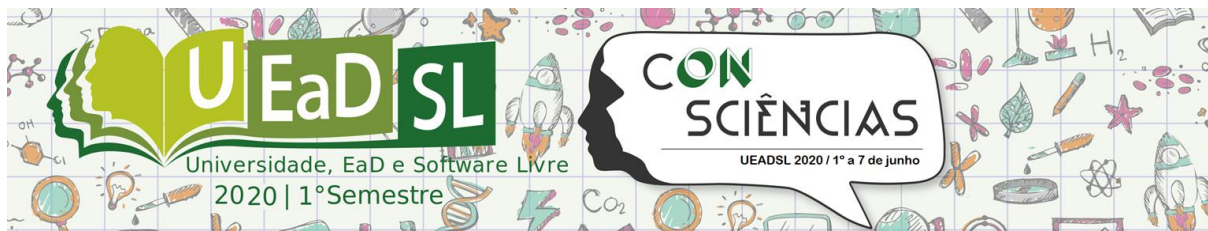
¹Doutorando do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) – Universidade Católica do Salvador (UCSal). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: tonnysouza@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é um breve estudo teórico e dialógico a partir da história de vida e profissão de uma professora negra do Ensino Fundamental da Rede Municipal do interior do sertão baiano. Desse modo, explicitou-se as representações e experiências do preconceito racial, vividas desde a infância na escola até a fase adulta, bem como a repercussão desses acontecimentos na prática docente. Para tal, utilizou-se a entrevista narrativa com foco (auto) biográfico, pretendendo analisar de maneira crítica e reflexiva a formação intelectual e profissional, evidenciando a influência dos fatos, acontecimentos e pessoas mencionadas sobre a professora entrevistada.

Palavras-chave: Identidades, Negritude, Docência, História de Vida.

1º Ato – prólogo: uma pessoa (auto) biografada

O dia chegava ao fim, dando lugar à noite. Foi nessa atmosfera de transição, em forma de crepúsculo alaranjado, que o encontro com a professora Dulcinéia (nome fictício) aconteceu em sua casa. Com a já conhecida doçura na voz fez as honras, convidando-me a entrar e sentar. E antes de dizer qualquer coisa, lembrou-me da sua timidez. O face a face possibilitava captar a expressão corporal, a sinuosidade do timbre e a presença ou ausência de ênfase nas respostas longas para perguntas escassas e desenvolvidas de forma espontânea, sem que estivessem sujeitas a um modelo estanque de interrogação (GIL, 2009), pois, interessava-me mais à confluência de vida e profissão narrada em primeira pessoa do singular, o “si mesmo”, o *self*, demarcando o próprio espaço onde as lembranças da existência eram selecionadas e exteriorizadas na perspectiva oral e autorreflexiva. Definitivamente, tratou-se de uma reunião, também, com o meu passado, pois Dulcinéia havia sido minha primeira professora.



A entrevista foi gravada e autorizada através da assinatura da Carta de Cessão, outorgando-me a usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações para efeitos de publicação, apresentação em congressos e outros eventos. Posteriormente foi transcrita, transubstanciando a fala (o som/a fonética) em palavra (a escrita/o grafema); alcançando uma indispensável fase para o estudo, qual seja: a hermenêutica das memórias sagradas da Dulcinéia que foram analisadas de forma descritiva, por meio da Análise de Conteúdo por considerar os significados (conteúdos), suas formas e distribuições; procurando conhecer o que está por trás das palavras (BARDIN, 2016).

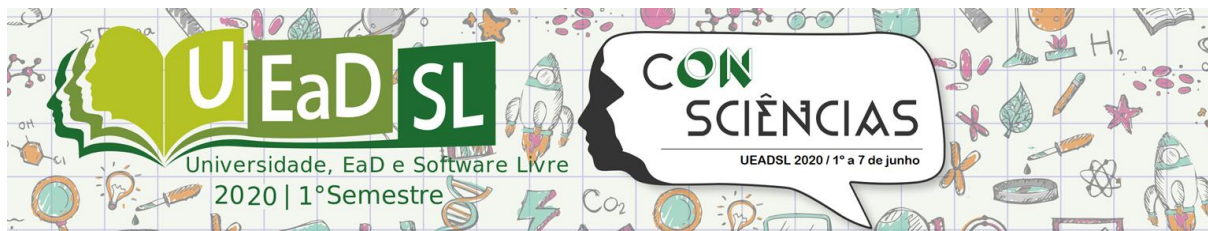
A companhia de Dulcinéia permitiu vê-la, “palavra por palavra”, como uma “mulher-memória”, professora desde a década de 1980, aposentada pela rede estadual de ensino e ainda atuante na rede de educação do município de Itiúba¹/BA. Mulher negra de pele retinta que apesar dos dissabores de uma trajetória marcada pela pobreza e o preconceito racial, desponta na maturidade para uma negritude² vitoriosa, tornando-se a “viga-mestra” de sua história de vida contada em profusão de assuntos, manifestações da recordação, “produto de uma rememoração” (LE GOFF, 2013).

2º Ato – o ápice: A crônica da Dulcinéia, a tecelã

A infância e a história, segundo Rabinovich (2005, p. 122), estão nos primórdios uma da outra, entrelaçadas. A existência do homem e da mulher, enquanto ser histórico, dar-se, simplesmente, por haver a infância do homem, da mulher; isto é: “[...] para falar, ele [ela] tem necessidade de se expropriar da infância [...]”. De tal modo, Dulcinéia voltou à infância, a partir das lãs de cores frias, próprias e oportunas para dias cinzas e nublados. E como quem não quer nada, foi tecendo uma manta quente o bastante para agasalhar suas memórias. Assim, a professora, botou-se a tecer, contando-me da sua infância:

¹ Município do interior da Bahia, faz parte do Semiárido baiano e do Território do Sisal.

² Segundo Munanga (2012, p. 58), a partir do caráter biológico ou racial, “a negritude seria tudo o que tange à raça negra; é a consciência de pertencer a ela”.



"[...] quando criança eu não entendia, ficava acreditando que o negro era realmente inferior. [...] eu não entendia aquela maneira de falar: 'roxinha', 'escurinha', sempre naquela maneira carinhosa e eu achava que a pessoa era boazinha. [...] Eu tinha uma madrinha que gostava muito de mim. Ela dizia: 'Essa menina só tem de preta a pele, por dentro é ouro puro'. Ah, eu ficava me achando [entonação enfática]!" (Dulcinéia)

O mais consternador desse relato é a resignação passiva à condição de "inferior" da criança que foi Dulcinéia, pois, apesar da dissimulada hostilidade da madrinha ela não se apercebeu da indiferença e, por essa razão, absteve-se de qualquer resistência. Diria que o ingênuo imaginário infantil foi facilmente assolapado pela capciosa ideologia que destituía a identidade negra. Por isso, compreendo que "[...] o negro, na situação presente, deve primeiro tomar consciência de si mesmo." (SARTRE, 1965, p. 96). Enquanto a Professora Dulcinéia narrava, era possível perceber o quão árduo é falar da identidade racial, diante de um emaranhado de práticas discriminatórias que influenciaram a representação e posicionamento vexatório do negro na estrutura social, afinal a partir desse lugar de poder e controle, foi possível, numa articulação de vozes e silenciamentos, construir a imagem do negro como inferior e 'coisificado' por meio de uma engrenagem sistêmica, elaborada para negligenciar os conhecimentos que são transmitidos desde o nosso nascedouro, no tocante às questões que envolvem os povos negros.

O ímpeto aviltante e determinante da ideologia do branqueamento, isto é, a poderosa compreensão que submete o negro a uma suposta degradação, segundo Chiavenato (1987, p. 170), permanece entranhado no cerne da sociedade. O referido autor sublinha o fato de que até mesmo "[...] notórios como Charles Darwin [teve] suas ideias deturpadas [...] sua teoria da evolução das espécies e a sobrevivência dos mais aptos [...]" foram usadas de forma abusiva na tentativa de aplicar os conceitos de Darwin nas sociedades humanas o que, lamentavelmente, pavimentou o caminho da teoria pseudocientífica, a raciologia, erigida numa relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais definidoras, portanto, da categorização e hierarquização de uma pessoa como superior ou inferior. Nesse ritmo, a professora Dulcinéia foi, durante algum tempo, narrando através de uma simples capacidade típica dos sábios. Relembrando sua jornada, fazendo-me olhar para o passado apontando com sinceridade as várias



vezes que, ao longo da vida, ela havia caído.

“Na minha formação, lá no magistério, durante o estágio supervisionado a gente passa pela semana de observação, cada dia em uma série. Quando eu cheguei na quarta série para observar. Bem, eu não sei se estava combinado com a professora regente ou foi uma articulação apenas entre os meninos. O fato é que foi chocante, pois na hora que eu cheguei, eu esperava o costureiro ‘bom dia visitante, como vai?’, mas pra mim não cantaram. Na hora que eu cheguei e dei bom dia, os meninos levantaram e cantaram: ‘plantei uma cenoura no meu quintal, nasceu uma neguinha de avental’. Eles cantavam com cara de gozação e se olhavam com certa cumplicidade para me constranger. Eu sentir uma coisa muito forte, principalmente por se tratar de crianças. Eu quis que o chão abrisse ali pra eu sumi, mas eu sempre reajo. Então, eu pensei rapidamente e comecei a cantar com eles”. (Dulcinéia)

Quiçá as crianças, as quais a professora se refere, não tivessem a maturidade suficiente para reconhecer a veemência da desqualificação do negro subjacente na cantiga popular entoada. Entretanto, Dulcinéia reconhece o quanto a sua negritude foi desfigurada, causando afastamento e exclusão. Pois, essas representações modelam e inscrevem o negro num imaginário socialmente marginal, projetando-o numa “não existência”. Por isso, fatalmente os vários contextos de negação, vivenciados pela professora Dulcinéia, respingaram em sua prática docente no início da carreira.

“Com as minhas turmas eu acho que deixei a desejar, porque eu poderia ter trabalhado mais. Foi uma fraqueza minha, pois eu ficava com vergonha das minhas colegas. Naquela época não tinha a lei 10.639³ e eu pensava que se trabalhasse temas voltados para a África e os negros, elas diriam: ‘ela é negra, por isso, só quer falar de coisas de negros’”. (Dulcinéia)

À vista disso, o ser negro não tem inicialmente identidades positivas às quais possa afirmar; pelo contrário, são identidades rechaçadas sob o ponto de vista do “outro”, portanto, uma condição identitária dada a priori. Desse modo, convenço-me de que o sentimento de vergonha estar na base do problema da inferiorização é algo “mais-do-que forte” entre os negros. Reportando-me à tese sartriana, encontro a afirmação de que na vergonha, tem-se a noção de “estar no mundo”, posto que “[...] é, por natureza, *reconhecimento*. Reconheço que *sou* como o outro me vê” (SARTRE, 1997, p. 290, grifos do autor), através da consciência e juízo alheio. Não significa julgar-se sozinho. A hipótese é que a consciência de “ser-para-outro”, consiste na

³ Após a homologação da Lei Federal nº 10.639/2003, o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana passou a ser obrigatoriamente incluída no currículo escolar (BRASIL, 2003).



consciência do “Eu-objeto” legitimado, assumido e reconhecido; o meu “ser-fora”: envergonhado como “cúmplice” de um controle externo (SARTRE, 1997). A inferiorização “mais-do-que-forte” é, portanto, estar inferiorizado não como algo tão somente endógeno, mas um “fora” sancionado à proporção do “fora” existencialmente negativo.

Nessa perspectiva, ser negro passa por uma relação persecutória entre as subjetividades, as identidades e o corpo, compondo as vicissitudes do “tornar-se”. Afinal, a raciologia como fenômeno é adaptativa e diversificada no tempo e no espaço, reverberando no âmbito social o pretense “complexo de inferioridade” influenciando, conseqüentemente, o processo de “tornar-se” negro no sentido da emancipação (ser) ou da interdição (não ser). Tal fenômeno, manifesta-se na narrativa de Dulcinéia quando reconhece o medo ‘dos outros’, por isso diz ela “[...] fiz menos do que devia. Hoje eu me arrependo [...]. Aprendi com a vida a não engolir calada. Pois, eu já me assumi, me respeito, eu me amo e não vou deixar que ninguém jogue lixo sobre mim”.

Isto posto, tomando o processo de construção identitária da professora Dulcinéia como objeto de estudo, parto da premissa, segundo Sartre (2014, p. 19), que a “[...] existência precede a essência [...] o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida”, ou seja, como o esmaecimento da compreensão a partir de uma ‘natureza humana’, ganha espaço a consciência de um projeto de vir a ser (SARTRE, 1997). Com essa experiência, fica comprovada a presença do sentimento de orgulho que permeia as relações da Dulcinéia, costurando o passado ao presente, vislumbrando o futuro. Há um contentamento conforme o grifo: “[...] sou negro e me glorifico deste nome; sou orgulhoso do sangue negro que corre em minhas veias [...]” (MUNANGA, 2012, p. 46). Sendo assim, a narrativa da professora permitiu que o tempo presente, passado e futuro estivessem intrinsecamente pronunciados, de modo que as lembranças, experiências e ações que estavam no passado fossem projetadas na tela da ressignificação.

3º Ato – antes do fecho



Estivemos (Dulcinéia e eu) envolvidos nessa tessitura como tecelãs e, como tais, entramos e saímos do passado e do presente. Voltamos, pensamos ter concluído; recordamos mais uma vez. Portanto, refletimos, tecemos e dialogamos em torno dos ideários de negação e submissão para alcançar a certeza de que ser negro, ser negra, exige um ânimo descomedido. Entretanto, uma vez que há a aceitação de sua história e que já não há dor em reconhecer-se membro deste corpo negro; vem o esforço para combater as barreiras discriminatórias, contribuindo na formação de um novo ser humano, capaz de se elevar à altura de seu destino, assumindo plenamente a negritude. Por fim, destaco a necessidade de se realizar outros estudos que aprofundem tais achados.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.
- CHIAVENATO, J. J. **O negro no Brasil: da senzala à Guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão; [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- RABINOVICH, E. P. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. **Rev Bras Cresc Desenv Hum**, 2005; 15(2):119-123.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.